

SEMANA DE VOCAÇÕES

E-BOOK

9 A 16 DE JUNHO DE 2024



DEUS
te
chama

200 ANOS
1824 - 2024
Presença
Luterana
no Brasil





DEUS TE CHAMA

“Isto significa que a pessoa deve ser chamada por Cristo por meio da Igreja, para exercer o ministério da pregação pública. Este chamado implica na vocação interna e na vocação externa pela Igreja. Cristo age por meio de pessoas. Para tal ministério da pregação pública a pessoa deve ser preparada, equipada e posteriormente examinada e investida publicamente.”

(Mensagem da Presidência sobre Sacerdócio universal de todos os crentes – 1980. <https://www.luteranos.com.br/conteudo/mensagem-da-presidencia-sobre-sacerdocio-universal-de-todos-os-crentes-1980>)

INTRODUÇÃO

Vocação é um tema presente nas mais diversas profissões e atividades humanas. Para a pessoa que está em plena atividade laboral, a vocação quer ajudá-la a estabelecer uma maior harmonia entre sua atividade laboral e suas aptidões e saberes. Mas, para quem está no início da juventude, o tema vocação tem a finalidade de orientar sua escolha profissional, segundo a predisposição interna. De alguma forma, a vocação tem a ver com a busca de propósito, direção e sentido de vida. Quer dizer, aquilo pelo qual vale a pena investir tudo, pela vida toda. Isso significa que a vocação é algo mais do que uma predisposição interna; ela é um chamado de vida. A rigor, vocação, segundo o dicionário, vem do latim “vocare”, que significa chamar.

Nossa fé afirma que quem chama é Deus. É ele quem chama/vocaciona o ser humano, muitas vezes em diferentes momentos da vida e de muitas maneiras, para cumprir alguma tarefa ou propósito na vida.

1. NOSSO DEUS, UM DEUS QUE CHAMA/VOCACIONA

O **primeiro** chamado é aquele que Deus fez, no início dos tempos, a Adão e Eva, e neles a toda a humanidade: “Onde você está?” (Gn 3.9b). Essas palavras assinalam que o ser humano existe para uma relação de encontro e diálogo com Deus. Em outras palavras, o ser humano, enquanto criatura, não é uma ilha. Não existe suspenso num vácuo ou ensimesmado; por isso, não é uma referência para si mesmo. O ser humano é essencialmente relacional, existe perante o Criador, si mesmo, o próximo e a natureza. Ele existe perante o Criador que o procura e que, pela sua palavra, o cria, sustenta e chama. Isso significa que toda pessoa que nasce precisa responder a esse chamado fundamental de Deus para desenvolver uma relação de diálogo com Ele.

O **segundo** chamado, que também atinge a toda a humanidade, é aquele que Deus faz a cada pessoa para colaborar com ele na preservação da criação (Gn 2.15,20; Sl 8.4-8). Lutero, tomando como base a organização social da sua época, diz que são três as funções fundamentais da sociedade: ensinar, alimentar e proteger. Cada uma dessas funções se constitui numa ordem, âmbito ou área, dentro da qual acontecem as diversas atividades relativas às funções antes mencionadas. É por meio dessas atividades, que as pessoas desenvolvem nessas três ordens, âmbitos ou áreas, que Deus preserva, santifica e abençoa a criação e a existência humana. Por isso, Lutero chamou de “vocação”, serviço a Deus, a atividade humana desenvolvida pelos diversos papéis e funções.

Hoje nossa organização social é diferente daquela de Lutero, mas permanece a compreensão teológica de que Deus age (preserva, santifica, abençoa a criação) através do correto exercício das diversas funções, papéis e responsabilidades que as pessoas assumem durante sua vida. Isso significa que toda atividade humana produtiva e direcionada para a preservação da vida, por mais corriqueira que seja, é instrumento de Deus para santificar e abençoar o mundo por Ele criado. Mesmo que corrompidas pelo pecado, elas permanecem sob a palavra criadora e perdoadora de Deus; por isso, cooperam com Deus no engrandecimento da vida. Caberá a cada pessoa exercer responsabilmente seus papéis e funções. E, quando assim o fizer, serve aos propósitos de Deus.

O **terceiro** chamado é aquele que Deus faz a toda a humanidade por meio de Cristo. Deus, pela sua palavra, não só cria e sustenta a criação, mas também a salva por meio de Cristo. Todas as pessoas, sem distinção, são chamadas a responder, a partir da fé, ao evangelho de Cristo. Quem aceita, pela fé, esse chamado ou convite recebe o Espírito Santo que coloca essa pessoa no caminho do seguimento, do discipulado, de Jesus Cristo. É isso o que acontece no sacramento do batismo. Nele, cada pessoa é chamada pelo seu nome e, pela união da água, da palavra e da fé, ela recebe o Espírito Santo e é inserida no corpo de Cristo, que é a comunidade cristã. A dinâmica da comunidade de Jesus Cristo é a de um sacerdócio de iguais (Mt 23.8; 1Pe 2.9), responsável pela administração dos bens da fé, a saber: perdoar, ensinar, interceder pela oração, consolar, testemunhar e espalhar a palavra de Deus. Para tanto, cada pessoa batizada é agraciada com diferentes dons pelo Espírito de Deus (1Co 12.6). Em outras palavras, a pessoa batizada não está em posição de escolher entre ser ou não uma testemunha. Ela foi chamada, vocacionada, para o exercício de um sacerdócio cuja característica principal consiste em testemunhar e concretizar a mensagem que lhe foi confiada.

Desta forma, seguindo os ensinamentos bíblicos, a Reforma de Lutero faz uma ruptura com o entendimento de vocação como o chamado de Deus para a vida consagrada ou religiosa (monge, padre, frei, freira). Deus, em Cristo, chama, vocaciona, toda e qualquer pessoa para viver, pela fé, a mensagem do evangelho, nos mais diversos espaços da vida. A rigor, a pessoa cristã serve a Deus, junto com todas as demais pessoas, pelo exercício dos papéis e funções que desenvolve nos diferentes âmbitos do seu viver, como vimos no ponto anterior. Mas, enquanto cristã, ela vai além do dever imposto por esses papéis e funções. Ela age segundo o amor de Cristo. Desta forma, a fé se torna concreta e efetiva pelo amor (Gl 5.6).

O **quarto** chamado corresponde à vocação para o ministério com ordenação, a qual é dirigida só a algumas pessoas. A nossa fé luterana entende que a pregação pública (palavra audível) e a administração dos sacramentos (palavra visível), que são bens da fé, devem ser realizados por pessoas ordenadas, seja do ministério pastoral, missionário, catequético ou diaconal. Como diz a Confissão de Augsburg: “Da ordem eclesiástica se ensina que, sem chamado regular, ninguém deve publicamente ensinar ou pregar ou administrar os sacramentos na igreja” (Art. 4º, 5º e 14). Na sequência falaremos sobre o chamado ou vocação ao ministério com ordenação.

2. UM CHAMADO DENTRO DE OUTRO CHAMADO?

Compete a toda pessoa batizada a tarefa de testemunhar a palavra do evangelho, bem como participar nos sacramentos e velar pela sua correta administração. Entretanto, na comunidade, a pregação pública da palavra e a administração dos sacramentos não podem ficar “à vontade própria do indivíduo ou à espontaneidade de seus membros” (Estatuto do Ministério com Ordenação – Preâmbulo – 2). Por isso, “há necessidade de a comunidade chamar pessoas que o façam publicamente, isto é, com responsabilidade especial, devendo ser formadas para tanto, examinadas e incumbidas. (...) As pessoas chamadas pela comunidade devem ter clareza sobre seu chamado por Deus, refletido sobre ele e ter testado o seu chamado em diálogo com outros” (Estatuto do Ministério com Ordenação – Preâmbulo – 2). Por isso, o chamado ao ministério com ordenação se dirige àquelas pessoas que fazem parte do sacerdócio geral, daquelas que responderam afirmativamente ao chamado de Deus em Cristo. Um chamado, uma vocação, não para um status diferente, mas para um serviço: administrar ordenadamente o exercício do ministério da palavra, pelo ministério com ordenação.

3. QUEM DEUS CHAMA AO MINISTÉRIO?

Com certeza Deus pode chamar quem Ele desejar. Entretanto, a Bíblia e a história da Igreja nos ensinam que, em geral, Deus chama/vocaciona para o ministério ordenado pessoas que fazem parte do seu povo. Quer dizer, pessoas que responderam afirmativamente ao chamado que Deus fez em Cristo, sem distinção de sexo, etnia ou cultura, e que fazem parte de uma comunidade. Trata-se de pessoas que buscam viver a boa notícia do evangelho a partir da confiança, da esperança e do amor. Deus procura e chama pessoas comuns, como você e eu. Pessoas com suas histórias e suas marcas, com suas qualidades e fraquezas. Por exemplo, Moisés estava fugindo por ter matado alguém. Samuel foi chamado enquanto servia no templo, sob a orientação do sacerdote Eli. E Mateus recebeu seu chamado enquanto cobrava os impostos. Deus chamou Paulo enquanto perseguia as pessoas cristãs. Deus chama pessoas com seus desafios nas diversas áreas do seu viver. Mas, acima de todas as coisas, Deus chama para o ministério com ordenação pessoas que se dispõem a construir o seu projeto de vida numa relação de confiança e diálogo com aquele que chama e vocaciona, em parceria com a comunidade que percebe e confirma a sua vocação.

4. QUANDO DEUS FAZ ESSE CHAMADO?

O texto bíblico nos diz que não há uma idade para o chamado de Deus. Assim, por exemplo, Samuel era ainda menino (1Sm 3.1) quando Deus o chamou. Jeremias, escolhido para ser profeta antes de nascer, recebeu seu chamado na juventude (Jr 1.5-7a). Talvez o mesmo tenha acontecido com a profetisa e juíza Débora (Jz 4-5) ou com Timóteo, que era um jovem na equipe missionária do apóstolo Paulo (1Tm 1.3; 4.12). Mas não é só na juventude que Deus chama. Abraão estava na casa dos 70 anos quando Deus o chamou (Gn 12.4). E Moisés era homem feito e com família quando foi chamado (Êx 3). Ana, aos 84 anos, ainda exercia a função de profetisa (Lc 2.36-38). O próprio apóstolo Paulo foi chamado em plena maturidade da vida (At 9.1-21). Mas também não há momento certo para o chamado de Deus. Ele chama em diferentes circunstâncias ou momentos da vida. Por exemplo, Moisés estava fugido por ter matado alguém. Samuel foi chamado enquanto serve no templo. Jesus chamou Pedro, André, Tiago e João durante sua labuta como pescadores. Desconhecemos as circunstâncias do chamado das discípulas Joana e Suzana. Sabemos que Maria Madalena foi chamada por ocasião de uma cura (Lc 8.2b-3). Mateus cobrava impostos quando recebe seu chamado. Saulo (Paulo) perseguia a comunidade cristã quando Deus o chamou. Lídia dirigia um próspero negócio quando recebeu o chamado. Quer dizer, Deus desperta pessoas pelo seu chamado independentemente da sua idade ou momento de vida.

Entretanto, nossa sociedade costuma colocar no final do período de escolarização (no início da juventude) a escolha da profissão, a atividade pela qual será expressa a vocação. Mas nem sempre a clareza da vocação coincide com a escolha da profissão na juventude. Às vezes isso acontece mais tarde; por isso, fala-se de vocação tardia. Esta experiência faz parte da história da nossa IECLB. Num tempo em que havia falta de ministros e ministras foram motivadas vocações tardias. Hoje, uma nova modalidade está sendo ofertada – Educação à Distância, possibilitando que pessoas de todas as idades e lugares possam fazer a formação e seguir para o ministério com ordenação.

5. DE QUE FORMA DEUS CHAMA?

No texto bíblico, vemos que Moisés teve uma experiência extraordinária (Êx 3.1-4). Algo similar aconteceu com Saulo no caminho para Damasco (At 9.1-22). O próprio Lutero teve sua experiência durante uma grande tempestade. Quer dizer, há pessoas que têm uma experiência extraordinária que muda radicalmente suas vidas. Essa experiência traz a certeza do seu chamado e vocação. Entretanto, a maioria das pessoas recebe seu chamado através do cotidiano, do ordinário. Assim, de mansinho, misturado à corriqueira vida de fé, testemunho e serviço. Por exemplo, os discípulos Pedro, André, Tiago e João estavam em meio às atividades de pesca quando Jesus os chamou (Mt 4.18-21). No caso dos diáconos, em Atos 6.1-6, foi o bom testemunho que fez com que fossem eleitos. E o mesmo aconteceu com Felipe, que se colocou no caminho da evangelização em Samaria e depois com o eunuco etíope (At 8.4-40). E nada se diz sobre o chamado das pessoas da equipe missionária de Paulo; por exemplo: Barnabé, Silas, Marcos, Aristarco, Lucas, Timóteo, Tito,

o casal Áquila e Prisca, Apolo, Tíquico, Crescente, Erasto, Trófimo, Febe, Dâmaris, Pérside. O mais provável é que tenha acontecido o mesmo que a Timóteo, a saber: a fé herdada da sua avó e mãe, manifestada num bom testemunho de vida, serviu de base para o convite ao ministério. E, após passar por um período de formação, recebeu da comunidade a confirmação da vocação (At 16.1-3; 2Tm 1.5-6). Em geral, com a gente acontece o mesmo que aconteceu com as pessoas do testemunho bíblico. Deus chama através do comum, do corriqueiro; por exemplo: por meio da leitura de um livro, um retiro, um seminário, um congresso, um culto, uma evangelização, uma conversação, o exemplo de alguém, a orientação espiritual de alguém, uma prédica, uma inquietude interna, algo que cresceu durante a participação nos trabalhos na comunidade, entre tantas outras coisas.

6. DISTINGUINDO A VOZ DE DEUS

No relato do chamado de Moisés fica evidente que o chamado/vocação ao ministério com ordenação tem dois aspectos importantes. Um é a certeza e convicção de ter sido chamado/chamada por Deus, o que chamamos de vocação interna (Êx 3.1-6). E o outro é a confirmação desse chamado pela comunidade, denominado de vocação externa (Êx 3.13; 4.1). Sobre a necessidade desses dois aspectos fala o documento "Posicionamento sobre o Ministério Compartilhado", de 1994. Ele diz: "Poderá ser ordenada a pessoa que for vocacionada interna e externamente e tiver recebido a devida formação e legitimação". E no "Estatuto do Ministério com Ordenação" está escrito: "As pessoas chamadas pela comunidade devem ter clareza sobre seu chamado por Deus, refletido sobre ele e ter testado o seu chamado em diálogo com outros". No fundo, a vocação envolve um processo de discernimento que anda de mãos dadas com o desenvolvimento da pessoa, em diálogo com Deus e a comunidade/igreja da qual faz parte.

6.1. A VOCAÇÃO INTERNA

Como vimos anteriormente, uma experiência de fé extraordinária ou ordinária cria a convicção pessoal do chamado, para o qual a pessoa dispõe sua vida. Quer dizer, a vocação interna tem a ver com uma certeza que leva a colocar a serviço dela toda aquela aptidão, tendência, predisposição natural que chamamos de dons. Em geral, expressamos isso com palavras como: "eu sinto que o Senhor me chama para..." ou "me sinto chamado/chamada ao ministério".

Entretanto, o chamado, a vocação de Deus ao ministério com ordenação é mais do que um sentimento e disposição; ele implica escolha e renúncia. É esse o conteúdo central do chamado de Abrão (Gn 12.1-7), a saber: deixar sua família, sua terra, e render culto a Deus, para entrar numa aliança de bênção com Deus. Vocação implica sacrifícios, escolher tudo aquilo que aproxima a pessoa da realização do chamado. E desprender-se de tudo aquilo que afasta e impede a concretização da missão desse chamado. Vocação envolve fazer opções: preferir radicalmente aquilo para o qual Deus chama, que vem a se tornar uma dedicação exclusiva. Assim, vocação tem a ver com aquilo que dá sentido à vida, e que se torna a razão do viver.

A pessoa que se sente e se sabe chamada, aceita, compromete-se e coloca-se no caminho desse chamado. Isso significa que se dispõe a vivenciar tudo aquilo que se relaciona com o ministério para o qual foi chamado/chamada, mas isso sempre em estreita parceria com a comunidade e igreja em que pretende servir. Nesse processo de preparação, espera-se que a pessoa esteja disposta a se desenvolver para melhor atender a este chamado. Quem é chamado/chamada engaja-se num processo que irá despertar e desenvolver as competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) necessárias para o bom exercício do ministério. A palavra que melhor define esse sentimento-certeza e disposição é amor, que resulta em engajamento/comprometimento. Não é assim que a gente fala: “tenho paixão pelo que faço” ou “amo esse trabalho”?

Entretanto, o pastor e professor Brakemeier nos faz uma sábia advertência:

“A boa vontade, por si só, é insuficiente para cumprir as exigências do ministério. Ao entusiasmo pessoal deve associar-se a competência. Além disto, os sentimentos podem enganar. Podem camuflar interesses egoístas, desejos de projeção e sonhos de autopromoção. (...) A motivação interna pode murchar e ceder espaço à resignação.”

(Manual de Ordenação e Instalação / [Organizado por] Erli Mansk. – São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2011. p. 24).

Isso significa que as motivações para o exercício do ministério com ordenação precisam ser clareadas. Esse processo de discernimento faz parte da vocação e requer disciplina, trabalho pessoal e diálogo com irmãos e irmãs de fé. Mesmo assim, a vocação para o ministério exige uma motivação fundamental: o amor. O amor a Cristo e sua palavra. Esse amor se manifesta na disposição para o discipulado de Cristo; quer dizer, o desejo constante de conhecer e assimilar a palavra de Cristo, pela leitura, a reflexão, a meditação e a oração. Mas também um amor de serviço ao mundo criado por Deus. Este amor sofre com as dores deste mundo e, ao mesmo tempo semeia, em esperança, sinais do Reino de Deus. E do amor para com a comunidade de discípulos e discípulas como o corpo de Cristo. Esse amor se expressa pelo serviço que carrega e promove os irmãos e irmãs na fé, a partir dos dons concedidos pelo Espírito Santo.

Estes amores perpassam, motivam, moldam o querer e o fazer da pessoa chamada ao ministério com ordenação.

6.2. A VOCAÇÃO EXTERNA

A narrativa do chamado de Moisés mostra que não é suficiente ter clareza da sua vocação. No caso de Moisés, não era suficiente que ele fosse até o povo e lhes dissesse: “Deus me chamou/vocacionou e enviou a vocês para os libertar” (Êx 3.13). É necessário que esse chamado seja confirmado pelo seus irmãos e irmãs, pelo povo. Na IECLB, a vocação externa se refere às pessoas, instâncias e atividades, nos âmbitos da Comunidade/

Paróquia, do Sínodo e da instância nacional, que ajudam no processo de discernimento e qualificação da vocação e confirmação do chamado.

Mas se o chamado é pessoal, como é que outras pessoas podem confirmar isso? Um elemento é o testemunho. Quer dizer, as atitudes, a conduta, as habilidades e a disposição, entre outros, mostram tanto o caráter como a vocação de uma pessoa. Essa é a orientação que vemos no testemunho bíblico quando se trata de escolher alguém para um ministério na comunidade; por exemplo: juiz (Êx 18.21), diácono em Jerusalém (At 6.3), bispo e diácono (1Tm 3.1-13) e presbítero (Tt 1.5-9).

Isso significa que cabe às lideranças da comunidade, e de maneira especial ao ministro ou ministra em exercício na comunidade, prestar atenção a possíveis vocações para o ministério com ordenação entre as pessoas membros da comunidade. E, para aquelas pessoas que manifestam interesse no ministério, serão de grande ajuda para o discernimento da vocação práticas como: discipulado, conversas regulares, designação de tarefas na qual a pessoa possa testar e desenvolver suas habilidades e competências. Nessa mesma direção se encontram a participação em ações de formação e a interação com diversos grupos comunitários, paroquiais, sinodais ou nacionais. Quer dizer, atividades que ajudem no amadurecimento da vocação; a instância comunitária, paroquial e/ou sinodal oportunizará as experiências necessárias e disponíveis ao seu alcance.

Outro elemento essencial para clarear e desenvolver a vocação é o processo de formação numa das Faculdades de Teologia reconhecidas pela IECLB. Não só pelas atividades curriculares dos estudos de Teologia, mas também pelas atividades extracurriculares, bem como pelas diferentes interações surgidas neste tempo.

Os últimos elementos que acompanham quem está no processo de discernimento e desenvolvimento da sua vocação são os programas implementados pela igreja: o Programa de Acompanhamento a Estudantes – PAE e o Período Prático de Habilitação ao Ministério – PPHM. O PAE é oferecido durante o período de formação acadêmica e se destina, obrigatoriamente, a estudantes membros da IECLB. Ele compreende diversas atividades que visam à formação qualificada e integral, nas dimensões acadêmica, pessoal, emocional e espiritual. O PPHM, por sua vez, é o período em que a pessoa vocacionada é oficialmente habilitada e sua vocação confirmada através da ordenação ao ministério na IECLB.

Em resumo, a vocação externa tem a ver com aquelas ações comunitárias, paroquiais, sinodais e nacionais que ajudam a pessoa que se sente chamada e se dispõe para o ministério com ordenação a desenvolver as competências necessárias para o exercício desse ministério. A vocação externa tem a sua confirmação através do envio e da ordenação. Nela a igreja, através de seus irmãos e irmãs de fé, confirma o chamado de Deus, a vocação ao ministério, envia e ordena a pessoa para o exercício do ministério. Pela ordenação, a igreja autoriza e encarrega essa pessoa para o ensino público do evangelho e a administração dos sacramentos..

7. VOCAÇÃO PARA QUAL MINISTÉRIO?

Na IECLB o ministério com ordenação se desdobra em quatro tarefas ou ministérios específicos: o pastoral, o catequético, o diaconal e o missionário. Trata-se de uma divisão de funções e atribuições para um melhor testemunho da multiforme sabedoria de Deus (Ef 3.10). Como diz o EMO, no Art. 14: “O ministério com ordenação foi instituído para, através da pregação do Evangelho e da administração dos sacramentos, despertar e alimentar a fé, edificando comunidade missionária, sendo que todos os ministérios específicos dele derivados estão comprometidos a cooperar com este objetivo”. Em outras palavras, a finalidade destes ministérios é o aperfeiçoamento do sacerdócio geral, para o testemunho e serviço (Ef 4.11-12). Isso significa que o processo de discernimento da vocação (interna e externa) deverá ter presente esses aspectos, segundo sua especificação nos artigos 14 a 20 do EMO.

8. VOCAÇÃO OU PROFISSÃO?

A vocação, o chamado, que se ancora na aptidão, tendência ou predisposição natural, se manifesta e concretiza na profissão ou ofício. Espera-se que essa interioridade e exterioridade da pessoa estejam numa relação de coerência ou harmonia. No nosso caso, “quem abraça o ministério eclesial faz da vocação a sua profissão. Nisto reside a beleza e também a dificuldade desse serviço” (Manual de Ordenação e Instalação, p. 34). O ministério com ordenação tem seus compromissos, e por isso se exige um alto grau de profissionalismo. Neste sentido, e como qualquer profissão, o ministério exige investimento contínuo de formação, que precisa de resiliência, disciplina e abnegação. Erra quem pensa que a paixão e a vida devocional são suficientes para responder, a contento, ao rigor do exercício do ministério com ordenação. A paixão, que vem da convicção do chamado, e a vida devocional são indispensáveis e necessárias, mas por si sós não são suficientes. A estas há de se agregar a qualificação teológica necessária, o que inclui o desenvolvimento das competências nos âmbitos do conhecimento, das habilidades e das atitudes próprias do ministério com ordenação e segundo a compreensão da nossa igreja.

Além da constante atualização, o exercício do ministério exige, entre outras coisas, trabalhar a dimensão pessoal para não cair na postura de super-herói ou na síndrome de coitadismo. Mas também requer ter a capacidade de examinar os sinais dos tempos, de fazer uma leitura do momento que se vive, de discernir o contexto. Ainda, saber articular o texto bíblico ao contexto, com clareza confessional, rigorosidade científica e oração, para semear a fé, espalhar a esperança e oportunizar o crescimento do amor. Além disso, o ministério requer ter competência missionária, o que implica a capacidade de desenvolver ações comunitárias relativas à evangelização, à comunhão, à diaconia e à liturgia, bem como a formação de pessoas, a comunicação e o diálogo. Isso também implica na preocupação com a sustentabilidade, mas não como algo circunscrito à questão financeira e administrativa, e sim sustentabilidade como as relações comunitárias saudáveis e duradouras, que concretizam a comunidade como o corpo de Cristo que acolhe, cura,

nutre, sustenta, anuncia e envia. Isso exige sabedoria em administrar as relações conflituosas e/ou pouco saudáveis.

Com certeza, assim como qualquer profissão, o ministério com ordenação tem seus desafios. Por isso não precisa ser uma caminhada solitária. Ele necessita da ajuda, de mentorias, orientações, de cuidado mútuo e saúde espiritual, entre outros.

Contudo, o necessário profissionalismo não é suficiente para garantir o sucesso. Como anota o Manual de Ordenação e Instalação,

A ordenação é chamado, envio e bênção, não garantia de sucesso. Tal garantia não existe. O bom êxito do empenho dos ministros sempre depende do beneplácito de Deus, devendo, por essa razão, ser conteúdo de prece. No entanto, ele se inviabiliza de antemão sem a fé dos próprios ministros. Quem não acredita mais no que prega perdeu de vez as credenciais de sua profissão. Já não pode corresponder à vocação de Deus. (...) Ser um “profissional da fé”, eis a dificuldade do ministério. Nisto reside, simultaneamente, seu incomparável fascínio. Pois não pode haver coisa mais importante

(Manual de Ordenação e Instalação, p. 35).

9. O CHARME DO MINISTÉRIO COM ORDENAÇÃO

O núcleo do evangelho é o amor reconciliador de Deus (2Co 5.18-20). Essa palavra do evangelho de Cristo tem um peso, uma gravidade que alcança o ministério que se dispõe para seu serviço. Quer dizer, o ministério com ordenação recebe dessa palavra um brilho, importância e dignidade. O apóstolo Paulo fala dessa relação como “um tesouro em vaso de barro” (2 Co 4.7), sendo o tesouro a palavra do evangelho e o vaso o ministério. Em outra parte, ele se refere ao ministério como embaixada de Cristo: “como se Deus exortasse por meio de nós” (2Co 5.19b-20). Por isso ele escreve: “Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!” (Rm 10.15b).

O ministério com ordenação, seja o ministério pastoral, missionário, catequético ou diaconal, é uma ocupação bela pelo seu objetivo e para a qual vale a pena se doar. Por meio dele o sacerdócio geral é capacitado para que, como comunidade, cumpra-se a missão de “propagar o Evangelho de Jesus Cristo, estimulando a sua vivência pessoal na família e na comunidade e promovendo a paz, a justiça e o amor na sociedade brasileira e no mundo”.

A nobreza e dignidade do ministério com ordenação permanecem mesmo na adversidade (Rm 8.38-39), pois ele se sustenta da palavra de Cristo à qual serve.

Após todas estas considerações, permanece a palavra do apóstolo Paulo que diz:

“Todas as pessoas que pedirem a ajuda do Senhor serão salvas”. Mas como elas irão pedir, se não crerem nele? E como poderão crer, se não ouvirem a mensagem? E como poderão ouvir, se a mensagem não for anunciada? E como é que a mensagem será anunciada, se não forem enviadas pessoas mensageiras? (Rm 10.13-14)

E a corajosa palavra do profeta:

Em seguida, ouvi o Senhor dizer: Quem é que eu vou enviar? Quem será a minha mensageira/meu mensageiro? Então respondi: Aqui estou eu. Envie-me a mim! (Is 6.8)

Elaborado por: P. Dr. Pedro Puentes Reyes